

Pluralidades culturais: tradição e práticas na Folia de Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO)

*Juliana Martins Silva*¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a complexidade cultural e simbólica existente na tradição da Festa de Santos Reis realizada na Comunidade Cruzeiro dos Martírios – Catalão (GO), através de conceitos que têm permeado o cenário historiográfico nas últimas décadas, entre eles: Cultura, Cultura Popular e tradição. Esta festa, ao ser considerada como uma tradição, adquire contornos dinâmicos em sua estrutura que é marcada por transformações socio culturais, sobretudo nas duas últimas décadas. Por outro lado, a Folia de Reis na comunidade em questão, se apresenta como um meio de preservação da memória coletiva, proporcionando um processo de construção e reconstrução de identidades locais, passou por várias transformações nos últimos anos, seja na sua composição ou na sua caracterização. Metodologicamente, o artigo propõe uma discussão entre autores como: Amaral (1976), Williams (1979), Thompson (1998), Burke (1989), procurando compreender a mobilidade e transitoriedade da festa através das derivações e mudanças circunstanciais, pelas quais passou o termo “Cultura”.

Palavras-chave: Festa de Santos Reis. Cultura. Tradição.

Abstract: This article aims to analyze the complexity existing in cultural and symbolic tradition of the Feast of the Holy Kings held on Community Cruzeiro dos Martírios- Catalão (GO), through concepts that have permeated the scene historiography in recent decades, including: Culture, Popular Culture and tradition. This festival, to be considered as a tradition, turns it on its dynamic structure that is marked by socio-cultural, especially within the last two decades. On the other hand, Folia de Reis in the community in question is presented as a means of preserving the collective memory, providing a process of construction and reconstruction of local identities. Being that this popular demonstration and religious underwent several changes in recent years, both in its composition and in its characterization. Methodologically, the article proposes a discussion between authors as Amaral (1976), Williams (1979), Thompson (1998), Burke (1989). Trying to understand the mobility and transience of the party through the derivations and changes in circumstances, which passed by the term “culture”.

Keywords: Feast of Three Kings. Culture. Tradition.

¹ Pós-Graduanda em História Social/ UFU.

Este artigo tem por objetivo abordar alguns pontos sobre conceitos que têm permeado o cenário historiográfico nas últimas décadas, entre eles: Cultura, Cultura Popular e tradição. Para tal objetivo, será necessário uma releitura de autores como Thompson², Williams³ e Amaral⁴. É importante nos determos inicialmente, acerca do debate que se estabeleceu com vigor em torno da polissemia do conceito de Cultura. Uma vez que, o estudo acerca deste assinala para a necessidade de relevar que “povos” e “contextos históricos” não são unidos por características meramente genéticas ou biológicas, mas sim, por costumes, práticas e identidades socialmente construídas.

Partindo deste pressuposto é preciso considerar que os últimos anos a historiografia foi tomada por novos paradigmas, conseqüentemente se viu preocupada com novos conceitos e objetos de pesquisa. É partir dessa nova ênfase historiográfica que surgem trabalhos referentes a gênero, minorias étnicas e religiosas, hábitos e costumes, incorporando metodologias e conceitos interdisciplinares. A partir desse panorama que se pretende inserir nesta discussão algumas características acerca da Folia de Reis na Comunidade Cruzeiro dos Martírios (Catalão – GO). Buscando refletir sobre cultura, vivências, e práticas culturais presentes nessa comemoração.

Em um primeiro momento é necessário destacar que essa manifestação popular e religiosa passou por várias transformações nos últimos anos, seja na sua composição ou na sua caracterização. No entanto, as alterações enfrentadas não só pela Folia de Reis dos Cruzeiros dos Martírios, mas por boa parte das manifestações religiosas, não leva ao fim leva ao fim propriamente dito de tais tradições, porém atribui a elas novas formas e significados. Configurando-as como consequência de uma “cultura” que não estatizou suas formas ao longo do tempo, contudo foi se reformulando continuamente na busca de se adequar a contemporaneidade.

Para compreender a mobilidade e transitoriedade da festa é fundamental nos atermos também para as derivações e mudanças circunstanciais, pelas quais passou o termo “Cultura”. Até meados do século XX, era considerado como se apenas uma cultura fosse “única” a toda a sociedade. No entanto, a partir da teoria cultural de historiadores marxistas, destacando aqui as obras de Raymond Williams e Edward P. Thompson; o termo abrangente de “Cultura” é substituído por “culturas no plural”. A partir de então esse termo é considerado como uma simbiose de elementos e diversificado de acordo com sua localização histórica e geográfica.

A partir dessa proposição é um risco compreender a palavra “Cultura” sem levar em consideração o seu conjunto de diferentes recursos, onde há sempre trocas seja entre o escrito e oral, o dominante e o subordinado, ou o campo e a cidade. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso,

² THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. p. 13-24.

³ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 99-137.

⁴ AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições dentro do conjunto⁵.

Para Thompson a principal crítica em torno da palavra “Cultura” se refere ao sentido holístico e ultraconsensual que ela acarreta. Levando o pesquisador a muitas vezes esquecer que “ela” é um termo emaranhado que envolve diferentes atividades e atributos dentro de um mesmo contexto, tal fato muitas das vezes pode levar a uma omissão de questionamentos que precisam ser feitos. O autor ainda assinala que:

Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho⁶.

Desse modo, uma das soluções seria trabalhar identificando evidências significativas que muitas vezes são negligenciadas pela ampliação do conceito “hegemonia”. A palavra “hegemonia” é um conceito que inclui e ao mesmo tempo ultrapassa dois poderosos termos: o de Cultura e o de Ideologia. O primeiro aqui se refere como “todo um processo social”, no qual os homens definem e modelam as suas vidas. Segundo Williams⁷, embora esses três conceitos se assemelhem, devem ser distanciados, porque a “hegemonia”

não reduz a consciência à configuração de um sistema de ideologias. Ela se constitui como senso de realidade absoluta para a maioria das pessoas, porque é experimentada e parece confirmar-se reciprocamente.

Ainda de acordo com Williams, esse conceito ligado ao termo “Cultura” de maneira errônea, poderá acarretar uma limitação dos estudos culturais e as relações com suas práticas. Essa limitação, entretanto, pode ser superada a partir de uma abordagem alternativa, que seja capaz de reconhecer a complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais ativas, vividas na experiência social.

Além da relação tênue entre “Cultura/ Hegemonia” Raymond Williams em sua obra “Marxismo e Literatura” ainda nos apresenta uma diferenciação entre cultura enquanto reflexo e enquanto mediação. O autor utilizando-se de manifestações artísticas, busca enfatizar que “a arte não reflete a realidade social. A superestrutura não reflete a base, diretamente: a cultura é uma mediação da sociedade”. Williams, ao elaborar uma teoria cultural sobre pressupostos marxistas, discute o termo no contexto da relação entre “forças produtivas” e arte e pensamento, perguntando-se qual o processo de determinação mais coerente para explicar a relação entre essas categorias: *reflexo* ou *mediação*?

Em relação à noção de “reflexo” é visto que ele objetiva o mundo real, gerando a apreensão de objetos como elementos constitutivos da realidade. Contudo, tal definição causa divergên-

⁵ THOMPSON, 1998, p. 17.

⁶ THOMPSON, 1998, p. 22.

⁷ WILLIAMS, 1979.

cias, principalmente aqueles ligados aos estudos acerca da “consciência”. Divergências que Williams procurou resolver da seguinte maneira: “uma interpretação alternativa de consciência como “verdade científica”, que via o mundo real, a infraestrutura, separado da arte. A arte e seus reflexos eram julgados pela maior ou menor conformidade com eles.

A noção sobre mediação também assinala problemas, sendo muitas vezes considerada como um processo social real que é sempre mediado por formas positivas, ou seja, como uma imagem “dialética autêntica”. Entretanto, essas imagens são modelos não de produtos sociais, mas de constelações bastante objetivas nas quais a condição social se representa. Há ainda um problema na descrição de todas as consciências inerentes e constitutivas como “mediadas”, mesmo quando se reconhece ser essa mediação inerente, uma vez que, a “mediação” não pode ser considerada mera “fatorialidade”, porém um processo repleto de subjetividades e particularidades⁸.

O que se averigua então é que as atividades culturais não são basicamente uma superestrutura; não apenas por conta da intensidade que qualquer vivência cultural é sentida, mas sim, porque práticas e tradições culturais podem ser vistas como muito mais do que expressões da superestrutura. São processos básicos da formação de uma sociedade.

Outro ponto a ser destacado em relação aos problemas de uso dos termos

“reflexo e mediação” está estritamente ligado às singularidades da Cultura. A mediação muitas das vezes não passaria de um pouco mais de sofisticação à ideia de reflexo; ainda mais se considerada como um processo passivo: onde há um produtor e consumidor de “cultura” bem definido. Contudo esse processo não é tão simples, dentro desse ‘campo de força’, diferenciar quem produtor e receptor convém considerar um meio com indivíduos ativos, que muitas das vezes recebem, mas que também reproduzem e reformulam o que lhes foi passado.

Por exemplo, ao se analisar uma manifestação popular como a Folia de Reis, deve-se ter sempre em mente suas particularidades e para tal é necessário abandonar o conceito de “cultura” como um mero reflexo ou como uma simples mediação. Observar como essa prática foi apropriada e transformada de acordo com o lugar, os componentes físicos e objetivos próprios. Embora, a Folia de Reis seja um festejo que acontece em diferentes regiões do país ela se difere muito na sua composição.

Enquanto manifestação popular, a Folia de Reis se mostra necessária, na medida, em que possui uma representatividade em relação a importância da religião no cotidiano dos moradores onde ela é realizada. No entanto, ainda é possível fazer questionamentos acerca da reformulação das práticas presentes dentro não apenas da Folia, como também da festa, já que ano após ano ela é tomada por novas dinâmicas socioculturais, o que gera mudanças em muitas de suas práticas.

⁸ WILLIAMS, 1979, p. 107.

Sendo que em muitas comunidades rurais do município de Catalão (GO) observa-se uma tentativa, por parte dos moradores mais antigos de manter a integridade de algumas tradições o que muitas vezes não é possível. Pois, a “cultura popular” vai aos poucos se desarticulando com as transformações da sociedade moderna. Um fato totalmente compreensível, no entanto vale ressaltar que, as antigas práticas não podem ser suprimidas pelas mais recentes, uma vez que a primeira se torna a base e explicação para a segunda ⁹.

Tomando a Festa como um festejo popular é necessário traçar aqui uma discussão sobre o qualitativo “popular”. De acordo com Amaral¹⁰ por muito tempo o termo “popular” esteve ligado a tudo quanto corre entre o povo, mais ou menos anonimamente. Havia também a definição de que é aquilo que é produzido pelo próprio povo, ou melhor, feito por pessoas do povo e adotado por este. Havia ainda aqueles que preferiam distinguir o termo “popular” e “popularizado” entendendo por “popular” o produto do povo e por “popularizado” o produto culto que o povo recebeu e adaptou.

Contudo, qual seja o critério adotado, ambos os conceitos falham por enlargar demasiadamente o campo de pesquisa. Dessa forma Amaral afirma:

A distinção entre produtos “populares” e “popularizados” é inteiramente fictícia e confusória. Incide no mesmo erro

precedente, quanto à pretensão de caracterizar o produto “popular”, e reforça esse erro com a oposição do “popularizado”. [...] A verdade é que todos os produtos são “populares” ou são “popularizados”: se o que os caracteriza é o fato de estarem muito espalhados entre o povo¹¹.

Num contexto intelectual paralelo, profundamente influenciado pelo interesse no estudo da cultura popular e operária, houve o desenvolvimento dos trabalhos de Edward P. Thompson e dos historiadores marxistas ingleses com a reformulação de conceitos clássicos, como o de classe social a partir da valorização de noções como a de experiência, enfatizando estudos sobre costumes, alavancando o desenvolvimento da História Social.

O contexto que serve de esboço para obra de Thompson¹² é um momento em que os costumes eram considerados reivindicações e práticas reprimidas. Tanto que por algum tempo muitos escritores enxergaram o século XVIII como uma época em que esses costumes estavam em declínio. Suprimidos por “reformas”, a alfabetização, e o esclarecimento que escorria dos extratos superiores ao s inferiores;

Grande parte dos estudiosos acerca da “cultura popular” no princípio, se basearam nos estudos folclóricos. Um dos mais esclarecedores estudos sobre “Cultura Popular” está centrado na obra de Peter Burke, que sugere que as pesquisas em torno da temática “popular” em finais do século em alguns países europeus, após

⁹ PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. In: *Dossiê História e Sensibilidades*, v. 8, n. 11, 2008, p. 270.

¹⁰ AMARAL, op. cit.

¹¹ *Ibidem*, p. 16.

¹² Thompson, op. cit.

o período Moderno, teve como principal consequência o surgimento do folclore. À medida que observadores sensíveis nas camadas superiores da sociedade promoviam a investigação da “Pequena tradição” plebeia, registrando seus hábitos e ritos. Quando surgiu o estudo do folclore, esses costumes já começavam a ser vistos como “antiguidades”, resíduos do passado:

Foi no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (*o folk*) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e camponeses decerto ficaram surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas estórias¹³.

No entanto, o folclore nos seus primórdios foi um estudo com ênfase na “descriminação”, atribuindo uma distância entre superiores e subordinados. Como declarou um folclorista no fim do século XIX, seu objetivo era descrever “os antigos costumes que ainda subsistem nos recantos obscuros dos países europeus, ou que sobreviveram à marcha do progresso na nossa agitada existência urbana”. O trabalho do folclorista era dessa maneira como uma coleção de descrições cuidadosas¹⁴.

Seguindo o interesse pelo folclore foi visto também um crescente interes-

se pelas tradições, costumes e pela dita “cultura popular”. Incluindo nos estudos sociais discussões acerca de cantigas, literatura, contos, estórias, melodias livros populares etc. Insere-se nesse momento também a discussão sobre as *dévotions populaires*, a religião não oficial do povo, que via como uma expressão da harmonia entre religião e natureza¹⁵. O trabalho realizado pelos folcloristas teve uma grande amplitude. É por conta dessa amplitude que muitos historiadores consideraram razoável falar na ocorrência da descoberta da cultura popular nessa época. Uma cultura que se difere do termo “Cultura” em si, por fazer contraste com outra cultura: a erudita.

Entretanto, se deve preponderar que antes desse período estudiosos de antiguidades já tinham descrito costumes populares ou coletado baladas impressas, o que há de novo nos folcloristas do século XVIII são sua ênfase no povo e em seus costumes¹⁶. O costume seria por sua vez, um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual, interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes. Nesse ponto se apresenta um motivo substancial pelo qual devemos evitar o termo “cultura popular” como um conceito generalizado. O que pode sugerir uma inflexão antropológica influente no âmbito dos historiadores sociais, uma perspectiva ultraconsensual dessa cultura, entendida como “sistema de atitudes”, valores e significados com-

¹³ BURKE, Peter, *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹⁴ THOMPSON, 1998, p. 14.

¹⁵ BURKE, Peter. op. cit, 2010, p. 30.

¹⁶ BURKE, Peter. op. cit, 2010, p. 32.

partilhados, e as formas simbólicas.

Portanto, no âmbito da cultura popular, a festa de Santos Reis, em qualquer contexto e lugar, deve ser pensada sob diferentes ângulos, já que ela sofreu influências de diferentes culturas, como: a africana, indígena e europeia, que contribuíram para a sua pluralidade e para o desligamento de suas práticas sob o ponto de vista do catolicismo oficial. Deixando de representar unicamente uma forma de manifestação religiosa, mas sim, uma válvula de escape para compensar o corpo e alma das cansativas jornadas de trabalho na roça.

Contextos, como o mencionado acima quando não confrontados de acordo com sua especificidade pode ocasionar uma generalização universal acerca da “cultura popular”. Não se trata de restringir os estudos em torno de questionamentos como: “significados, atitudes, valores”, no entanto, considerar que a Festa é um espaço de equilíbrio entre relações sociais, trabalho, mas acima de tudo um espaço de resistências.

As resistências nesse aspecto, majoritariamente, giram em torno dos processos de modernização e transformação por qual passa a Festa. Nesse sentido, embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente¹⁷. Consequentemente, nesse âmbito tradições são herdadas e modificadas de acordo com obje-

tivos diferenciados.

Segundo Williams¹⁸, o conceito “tradição” durante muito tempo foi negligenciado pelo pensamento cultural marxista. Posteriormente, foi visto também na melhor das alternativas, como um fator secundário, que pode no máximo modificar outros processos históricos mais decisivos. Isso ocorria não apenas porque “tradição” era constantemente diagnosticada como uma superestrutura. Mas também por ter sido comumente entendida como um segmento relativamente inerte, historicizado, de uma estrutura social: a sobrevivência do passado.

Contudo, a “tradição” não está atrelada a regras fixas, ela vai se modelando através das gerações. São atribuídos novos sentidos, significados e práticas, outros por sua vez são negligenciados e deixam de existir. Essa transição não é um processo amistoso, ela deriva de uma pressão e de um jogo de forças.

A tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais poderoso. O que temos de ver não é apenas “uma tradição”, mas uma tradição seletiva: uma versão intencional seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação

¹⁷ THOMPSON, op. cit., p. 19.

¹⁸ WILLIAMS, op. cit.

social e cultural ¹⁹.

Desse ponto de vista, a “tradição” seria de acordo com Williams²⁰, seletiva, pois entre uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados.

Nesse ponto somos levados a retornar no conceito “Hegemonia”. Compreendendo a palavra “tradição” dentro de um contexto hegemônico, Thompson²¹ assinala que ela está imbricada a um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. No entanto, dentro dos estudos sociais há muitos outros significados ligados à tradição, como aqueles que refletem sobre ela sob os princípios de “inovação” e “contemporâneo”. Entretanto, o seu verdadeiro sentido pode ser bem mais amplo e ativo.

É um processo marcante, já que está ligado a muitas continuidades práticas – famílias, lugares, instituições, língua. Porém, é também vulnerável, posto que, na prática põe de lado áreas interirras de significação, ou reinterpretá-las ou diluí-las, ou converte-las em formas que apoiam, ou pelo menos não contradizem, os elementos realmente importantes da hegemonia inerente. Nesse ponto encontramos uma ampla gama de trabalhos historiográficos recentes que buscam sentenciar a contra-hegemonia, buscando a recuperação das áreas rejeitadas,

ou a reformulação de interpretações seletivas e redutivas ²². Essa recuperação, entretanto, pode se tornar de acordo com Williams²³ simplesmente residual ou marginal. Dentre outros fatores, ela também é vulnerável porque a versão seletiva de “uma tradição viva” está sempre ligada, embora com frequência de formas complexas, e ocultas, as pressões e limites contemporâneos explícitos. Suas incursões e práticas são seletivamente estimuladas e desestimuladas, com frequência de maneira tão efetiva que a seleção liberada se verifica a si mesma, na prática.

As peculiaridades das formas tradicionais nesse contexto não devem ser abandonadas, a conjunção de fatores que levam a manutenção de uma tradição é repleta de símbolos, significados e características únicas. Sofrem influência de outras tradições locais ou até mesmo daquelas mais distantes, se reformulam de acordo com a contemporaneidade e acima de tudo vivenciam um processo contínuo de ganhos e perdas significativos. O que de maneira alguma, retira a sua importância dentro do cenário cultural.

Portanto, devemos considerar que as Folias de Reis realizadas atualmente no Brasil resultam de uma conjunção de tradições e re-significações que se iniciaram provavelmente na Europa. Há relatos de festividades religiosas e de devoções aos santos logo após a chegada dos portugueses na costa brasileira e sua

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 118.

²⁰ Id., *ib.*

²¹ THOMPSON, *op. cit.*

²² WILLIAMS, *op. cit.*, p. 119.

²³ Idem, *ibidem*.

entrada no interior do país. O contato dos portugueses recém-chegados com os indígenas contribuiu para a inserção do catolicismo e de seus preceitos no Brasil. As festas e tradições católicas europeias inseridas em terras tupiniquins ganharam novos signos, acessórios, cores e sabores, sendo adaptadas e transformadas.

O que faz dessa tradição uma metamorfose no existir e reproduzir da cultura popular. Pois, ao longo desse período essa tradição passou por várias “reinterpretações” e foi sendo reinventada pelos moradores da comunidade, demonstrando de forma clara a mobilidade da cultura. A transitoriedade dos festejos frente aos novos contextos pode ser explicada ao se considerar os termos tradição/festas como práticas não permanentes e nem imutáveis. Entretanto, além dessa mobilidade cultural é essencial que se pense também na mobilidade na identidade dos sujeitos que compõem essa manifestação popular.

Por fim, ressalta-se mais uma vez, a complexidade e amplitude dos termos “cultura, popular e tradição”. As regras que compõem e formulam a vida em sociedade são muito mais subjetivas do que objetivas; deixar de lado a complexidade dos termos aqui trabalhados pode levar a negligenciar de muitas informações que também compõem as relações culturais, políticas e econômicas. Ponderando que, o problema de se escrever a história é que muitas vezes a diferença é deixada de lado, isto é, a história da designação do outro, da atribuição de características que distinguem categorias de pessoas a

partir de uma norma presumida.

Referências bibliográficas

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. In: *Dossiê História e Sensibilidades* v. 8, n. 11. ISSN: 1519-3276 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 13-24.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 99-137.